



Ciberativismo e zapatismo¹

Ana Paula Avellar RIVELLO²
Francisco Paoliello PIMENTA³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, Juiz de Fora

Resumo

Esse estudo pretende investigar como o Exército Zapatista de Libertação Nacional-EZLN utilizou a internet para catalisar diversos movimentos sociais em torno de discussões pertinentes ao movimento indígena de Chiapas e contra o neoliberalismo. A pesquisa está fundamentada na lógica da comunicação em rede, que abrange os avanços na área de telecomunicações e a nova configuração da sociedade civil organizada.

Palavras-chave

Ciberativismo; zapatismo; comunicação em rede

Ativismo em rede

A partir do estudo de caso do ativismo zapatista⁴, analisaremos o papel da internet como meio de disseminação de informação sobre o movimento e de formação de grupos internacionais solidários. Dessa forma poderemos pensar como os movimentos sociais podem utilizar a internet para realizar campanhas, divulgar suas causas e mobilizar a sociedade. A escolha do estudo de caso do movimento zapatista se deu por dois motivos principais:

- Primeiro, a transformação ideológica do EZLN desde a sua concepção até hoje é representativa da mudança ideológica da esquerda no mundo. O movimento de orientação marxista surgiu com o objetivo de tomada do poder para instauração de um governo socialista no México por meio da luta armada. Esse posicionamento político clássico da esquerda latino-americana, aos poucos foi se alterando. Hoje o EZLN se caracteriza por buscar um constante diálogo com a sociedade organizada mexicana e internacional – com uso das redes de computadores. Não buscam mais a tomada de poder, contudo reclamam o direito das comunidades indígenas de se auto-gerir. Lutam

¹ Trabalho apresentado no GT – Cibercultura e tecnologias da comunicação, do Iniciacom, evento componente do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Estudante de Graduação 10º. semestre do Curso de Comunicação da UFJF, email: anarivello@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação da UFJF, email: paoliello@acessa.com

⁴ A expressão “zapatista” recorda os camponeses indígenas que combateram ao lado de um dos líderes da Revolução Mexicana, Emiliano Zapata, por demandas como terra, moradia, saúde, educação, independência e democracia.



não só por terras, mas também por visibilidade e buscam entender os problemas enfrentados pelas comunidades de Chiapas dentro de um contexto global de aprofundamento da exclusão social causada por políticas neoliberais.

Para Milton Santos, no período em que vivemos, a pobreza é encarada como algo inevitável e natural, apesar de ser produzida politicamente por empresas e instituições globais. Essa pobreza estrutural globalizada⁵ obedeceria a um processo racional e a cânones científicos. (Santos, 2005: 78)

Os movimentos que resistem ao neoliberalismo, muitas vezes são rotulados como contra a globalização, como se a bipolaridade socialismo/capitalismo tivesse se transposto para pró-globalização/ pró-nacionalismo. Essa concepção faz com que o neoliberalismo se aproprie de um capital que muito tempo foi da esquerda - o internacionalismo, a alternativa internacional.

- Segundo, O EZLN foi um dos primeiros movimentos sociais a usar a internet para o ativismo global. A aparição pública do movimento se deu exatamente na época em que o word wide web estava se tornando mais popular entre os usuários de computadores pessoais. Portanto podemos fazer uma análise conjunta da evolução do ciberativismo neozapatista e a evolução dos recursos tecnológicos das redes de computadores.

Na primeira fase da investigação, faremos um breve resgate histórico do movimento zapatista, depois passaremos a investigação do papel da internet na construção de sua uma rede de apoio.

Origens e transformações do EZLN

O Exército Zapatista de Libertação Nacional surgiu em Chiapas, estado mais pobre do México, na região da Selva Lacandona⁶. Na década de 50, indígenas sem-terra de várias etnias migraram para a Selva Lancadona em busca de novas terras para uma agricultura de subsistência. Latifundiários haviam expulsado comunidades indígenas de seus antigos territórios para darem lugar à pecuária extensiva.

⁵ Milton Santos defende que nos últimos 50 anos os países subdesenvolvidos conheceram pelo menos três tipos de pobreza: A *pobreza incluída*, que seria um tipo residual ou sazonal e sem vasos comunicantes. A *marginalidade* que era produzida pelo processo econômico de divisão do trabalho, admitia-se que essa poderia ser corrigida pelos governos. Agora teríamos chegado à *pobreza estrutura globalizada*.

⁶ A Selva Lacandona está situada numa região denominada de montanhas do oriente ou da Lacandona, que ocupam uma sexta parte da superfície de Chiapas. É a maior porção de floresta tropical úmida do México. Possui reservas de urânio e petróleo.



Nesse período, conhecido como Contra reforma, as políticas agrárias foram modificadas para destinar as terras de melhor qualidade aos médios e grandes fazendeiros. Essa política contribuiu para o desenvolvimento de unidades produtivas individuais, mas causou um grande impacto nas propriedades coletivas, conhecidas como ejidos⁷. (Ortiz, 1997, p187)

O crescimento populacional de algumas comunidades também incentivou o fluxo migratório de índios tzeltales, tzotziles, tojolabales, choles e zoques para a porção mais oriental de Chiapas (Buenrostro, 2002). Os emigrantes se instalaram em lugares sem rede de esgoto, água encanada ou eletricidade .

Na década de 70, o bispo de San Cristóbal de las Casas, Dom Samuel Ruiz – adepto da Teologia da Libertação⁸ - criou a rede de catequistas e comunidades eclesiais de base na Selva da Lacandona, O trabalho dos membros da Igreja Católica substituiu algumas das funções do Estado no atendimento das carências sociais e ajudou a criar uma identidade entre as comunidades indígenas. Em 1974, os índios continuavam numa situação de extrema marginalização e abandono pelo governo federal e estadual, mas apresentavam uma maior capacidade de organização e estavam mais conscientes de seus direitos. Com ajuda do bispo Dom Samuel Ruiz, eles realizaram o “Primeiro Congresso Indígena Frei Bartolomé de Las Casas”. Mais de 1000 delegados indígenas discutiram durante quatro dias sobre problemas relacionados à má distribuição de terras, educação, comércio e saúde. (Ortiz, 1997,166)

No mesmo ano do encontro, as comunidades Lacandonas enfrentaram um conflito com o Governo Federal. O então presidente mexicano, Luiz Echeverría, decretou que mais de 20 mil camponeses que viviam em cerca de 600 mil hectares da Selva Lacandona deveriam se retirar. A totalidade desse território seria destinado a um grupo de apenas 67 indígenas lacandones, uma etnia em extinção (Ortiz,1997: 169). A partir daí, a crescente insatisfação popular originou diversas organizações indígenas, como a “ Unión de Ejidos Ach Quiptic ta Lecubtesel” em 1975 “ Unión de Ejidos Tierra e Libertad” em 1976 e a “ Unión de Ejidos Luta Campesina” em 1978.

Nesse momento de baixa popularidade do governo e de maior organização comunitária, começaram a chegar na Selva grupos políticos urbanos de orientação marxista inspirados no êxito da revolução cubana. Entre eles estavam as “Fuerzas de

⁷ O ejido é uma propriedade rural de uso coletivo. Antigamente essas terras não podiam ser vendidas, arrendadas ou hipotecadas. Mas, a partir de 1992 , com a modificação do artigo 27 da Constituição, os ejidos podem ser expropriados pelo Estado e vendidos à iniciativa privada.

⁸ Esta teologia ficou mais ligada às comunidades eclesiais de base, comprometidas com as lutas sociais e políticas.



Liberacion Nacional – FLN”⁹ que, com ajuda de comunidades indígenas, formou o seu braço armado, o EZLN. O porta-voz do movimento, subcomandante Marcos¹⁰, explicou, em entrevista à Pedro Ortiz, como foi o começo dessa associação entre índios e revolucionários socialistas.

O EZLN tem duas raízes: um grupo político-militar urbano e uma organização indígena. O grupo urbano era pequeno, de orientação marxista-lenista, formado por gente de classe média que viu todas as suas alternativas políticas se fecharem por causa do monopólio de décadas do PRI- Partido Revolucionário Institucional no poder, com sua política de partido-estado e controle ferrenho da vida nacional. Esse grupo era uma organização clandestina que procurava crescer com trabalho político, sabendo que um dia iria aderir à luta armada. Como precisava de um lugar para se preparar militarmente, entrou em contato com indígenas de Chiapas que também haviam concluído que se esgotava a via pacífica. Da convergência de interesses surgiu o EZLN, em novembro de 1983. (ORTIZ, 2006, p.167).

O EZLN permaneceu escondido na Selva por 10 anos. Nesse período, o mundo assistiu à crise do socialismo real. A queda do muro de Berlim trazia a mensagem do triunfo do sistema capitalista e as ramificações urbanas da FLN se enfraqueceram. No entanto, o EZLN não parava de crescer. Para as comunidades que iam aderindo ao Exército Zapatista, a principal preocupação era formar uma força de auto-defesa contra os paramilitares sustentados por fazendeiros ou contra o próprio governo mexicano. A frustração de uma reforma agrária nunca concretizada era muito mais relevante do que o fim do socialismo (Figueiredo, 2003: 330,331). Figueiredo explica o motivo da adesão de comunidades inteiras ao EZLN:

Marcos afirma que o contato da guerrilha com as comunidades era apenas esporádico até 1988(...)No final dos anos 80, os guerrilheiros chegam a ser mais de 100 combatentes profissionais vivendo nos acampamentos(...) Ainda chegaria a época em que a maioria das comunidades da Selva e dos Altos se converteria à guerrilha, o que começou a mudar em 1989(...) Para Marcos, além de ser um êxito do trabalho que realizavam, isso ocorreu por causa da fraude eleitoral contra o cardenismo, que “cancelava a possibilidade de uma transição pacífica”, a queda no preço do café, umas epidemias muito grandes que atingiram a Selva, e que eles suspeitavam ser obra de bombardeios químicos realizados na Guatemala e trazidos pelo vento, o aumento da violência praticada pelas *guardias blancas*¹¹, a entrada de soldados na Selva em busca de maconha, que ao passar dificuldade nas montanhas transmitiam a imagem de um Exército

⁹ As Forças de Liberação Nacional eram uma organização clandestina, com estratégia revolucionária clássica de tomada de poder para implantar um governo socialista. A FLN tinha células espalhadas por todo o México e pretendia organizar um exército que se preparasse para o momento em que houvesse condições maduras para a revolução.

¹⁰ De acordo com a polícia mexicana, Marcos é Rafael Sebastián Guillén, um antigo militante das Forças Populares de Libertação, de inspiração cubana, um dos muitos grupos revolucionários desmantelados no início da década de 70.

¹¹ Grupos paramilitares contratados por fazendeiros.



fácil de se combater e, finalmente, o fim da reforma agrária com as mudanças implementadas por Salinas ao artigo 27 da Constituição. (Figueiredo, 2003: 156).

Com a crescente influência de líderes indígenas no EZLN, a orientação política do movimento se modificou. O discurso ortodoxo de esquerda revolucionária, aos poucos, foi se tornando mais ameno e inclinado aos valores democráticos e a prática política se tornou mais participativa. A busca da auto-gestão das comunidades e a recusa em centralizar o poder se tornaram as marcas do EZLN.

Quando o Exército Zapatista resolveu invadir sete cidades - Ocosingo, Altamirano, Las Margaritas, Chanal, Oxchuc, Huixtán e San Cristóbal de Las Casas - com milhares de índios encapuzados¹² as principais demandas eram por eleições não corruptas, renúncia do presidente e direitos básicos.

A “Declaração da Selva Lacandona”¹³ exigia “trabalho, terra, teto, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz” (El Despertador Mexicano, 1993). Nada mais e nada menos do que isso: demandas tão simples quanto vagas, que qualquer pessoa entende e considera legítimas, e que se prestam às mais diversas interpretações. Posteriormente, essas “exigências” passariam a receber um conteúdo mais detalhado: tratar-se-iam principalmente de propostas de reforma constitucional, estas assessoradas por um significativo número de intelectuais mexicanos e fruto de debates abertos com a sociedade civil, e de propostas relacionadas às práticas de “autogestão” das “comunidades autônomas” zapatistas, levadas à cabo pelos próprios indígenas com a ajuda de ONGs, intelectuais, estudantes, religiosos, etc, cuja “autonomia” as reformas constitucionais propostas deveriam garantir. Mas o EZLN nunca pretendeu esperar as reformas constitucionais para desenvolver o projeto de autonomia local. (Figueiredo, 2003: 175).

Após 12 dias de combates¹⁴ contra o exército federal, o governo mexicano e o EZLN decidiram estabelecer uma trégua para o diálogo. O então presidente do México, Salinas de Gortari encaminhou para o congresso uma lei de anistia para os rebeldes.

Somente dois anos depois, em 16 de fevereiro de 1996, governo e zapatistas firmaram o chamado Acordos de San Andrés sobre Direitos e Culturas Indígenas. Mas, em setembro do mesmo ano, o EZLN suspendeu o diálogo, alegando que o acordo não havia saído do papel. Desde então, o movimento zapatista busca aplicar as medidas propostas no acordo de San Andrés nas comunidades lideradas por eles. O EZLN

¹² O porta-voz do movimento, Comandante Zero fala de 4500 combatentes no comunicado de 10 de novembro de 2003.

¹³ Documento oficial do EZLN com as principais reivindicações

¹⁴ Os dados oficiais do governo mexicano relatam que morreram entre 100 e 150 pessoas, zapatistas afirmam que foram mais de 200. (Ortiz, 1997,210)



constituiu um governo autônomo¹⁵, que não recebe nenhum tipo de ajuda financeira do governo mexicano.

Além disso, as comunidades zapatistas mantêm constante diálogo com grupos civis e o EZLN passou a organizar, ao longo desses anos, marchas, encontros e consultas nacionais. As discussões sobre a situação dos indígenas de Chiapas e os efeitos sociais do neoliberalismo não foram travados apenas em âmbito nacional. A internet tem sido, então, um importante meio de mobilizar simpatizantes e outros movimentos sociais em diversas partes do mundo.

A internet: mais um espaço para a mobilização social?

O movimento zapatista foi um dos primeiros a usar a internet para divulgar suas causas, buscar o apoio da sociedade civil e estabelecer uma rede de solidariedade internacional. Na época da primeira aparição pública do EZLN, no dia 1º de janeiro de 1994, a internet se limitava a listas de discussão, e-mails e sites FTP (repositórios de protocolos de arquivos, onde é possível armazenar arquivos). O word wide web começava a ganhar popularidade entre os usuários e a maioria das empresas de comunicação ainda não possuía versões on-line. O primeiro jornal on-line da história foi lançado nos EUA, apenas sete meses antes da insurreição indígena¹⁶.

Apesar de diversos autores apontarem o movimento zapatista como uma das primeiras expressões do ciberativismo e o subcomandante Marcos como o primeiro herói ciberativista¹⁷, o site oficial do EZLN só surgiu, de fato, no final de 1996, no endereço www.ezln.org. Até então, os zapatistas usavam a internet de forma indireta. Os comunicados oficiais eram endereçados inicialmente ao jornal mexicano La Jornada, à revista semanal Processo, ao jornal El Financiero, ao jornal local San Cristoban Tiempo e genericamente à imprensa nacional e internacional. A partir daí, simpatizantes do movimento e ONGs passaram a divulgar os comunicados voluntariamente em listas de discussão e e-mails. Esse foi o embrião do ciberativismo do EZLN.

¹⁵ Em 2003, se formaram os Municípios Autônomos Zapatistas, que são coordenados por conselhos autônomos, eleitos democraticamente. Esses conselhos são responsáveis pela promoção de educação, saúde, cultura e coordenam problemas relacionados à terra, trabalho e comércio e justiça. Um conjunto de municípios forma um Caracole, que tem como representação máxima uma Junta de Bom Governo. Cada Junta possui representantes dos municípios que formam o Caracole. O EZLN passa então a estar subordinado a essas organizações democráticas.

¹⁶ Em maio de 1993, o jornal americano San Jose Mercury inaugurou sua versão on-line e entrou para a história como o primeiro jornal na web.

¹⁷ A professora da Universidade da Califórnia, Dee dee Halleck cunhou a expressão “ Marcus became the first super-hero of the net” em um artigo intitulado “ Zapatistas-online”. Essa expressão será usada por diversos outros autores como André Lemos, no Brasil.



Desde o início do levante, era visível a preocupação dos zapatistas em estabelecer um canal de comunicação com a imprensa, o que pode ser melhor compreendido com a explicação do subcomandante Marcus, porta-voz do EZLN, em entrevista à Yvon Le Bot.

“Para nós a estratégia de Salinas de Gortari dentro do neoliberalismo era construir uma campanha de publicidade, apresentando no exterior um país estável, um bom produto que estava vendendo”. Se nós conseguíssemos afetar essa campanha publicitária, iríamos conseguir duas coisas: demonstrar o que realmente estava se passando, o que este projeto político, econômico, significava para este país, para os indígenas; mas ademais, iríamos conseguir que o México olhasse a sua parte indígena e se desse conta de que estava esquecendo de uma parte dele. Era uma guerra contra o esquecimento. (...)”(Le Bot, 1995: 212-213).

Os zapatistas, ao mesmo tempo em que reclamavam os direitos indígenas do estado de Chiapas, contextualizavam a sua luta dentro de um ambiente mais amplo - a exclusão social aprofundada pelo modelo econômico neoliberal. Assim, o EZLN se afinava com o discurso dos novos movimentos sociais de esquerda que surgiam ou se reestruturavam ideologicamente após o fim da bipolaridade socialismo/capitalismo. Essa empatia de valores entre o movimento zapatista e outros movimentos sociais foi fundamental para a formação de uma rede de solidariedade que auxiliou no diálogo entre os insurgentes, o governo mexicano, a imprensa, a sociedade civil mexicana e organismos internacionais.

Em abril de 1996, o EZLN organizou o Primeiro Encontro Intercontinental pela Humanidade e contra o Neoliberalismo, chamado também de Encontro Intergaláctico em Chiapas, com a participação de 5 mil pessoas de 42 países. A delegação brasileira integrava membros do Partido dos Trabalhadores (PT), a Central Única dos Trabalhadores (CUT), o Movimento dos Sem Terra (MST), a Intersindical dos Eletricitários do Sul e o Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Ao final do encontro, foi aprovada a Segunda Declaração pela Humanidade e contra o Neoliberalismo que ressaltava a importância da formação de uma rede de ação e comunicação entre os movimentos de resistência.

"Pela humanidade, declaramos: (...) Que faremos uma rede de comunicação entre todas as nossas lutas e resistências. Uma rede intercontinental de resistência, de comunicação alternativa contra o neoliberalismo e pela humanidade. Esta rede buscará os canais para que a palavra caminhe pelos caminhos que resistem. Será o meio para que se comuniquem entre si as distintas resistências. Esta rede não é uma estrutura organizativa, não tem centro diretor nem decisório, nem comando central ou hierarquias. A rede somos todos os que falamos e escutamos." (Ortiz, 2006)



Naquele momento, o EZLN ainda não possuía sua página para disponibilizar diretamente os seus comunicados na internet, portanto, uma série de voluntários, traduziam e divulgavam esses materiais na rede. Mas, o segundo e terceiro Encontro Intergalácticos que aconteceram respectivamente em 1997 em Barcelona, Espanha, e em 1999- Belém, Pará, no Brasil, já possuíam os seus próprios sítios na internet.

Em 2005, o subcomandante Marcus fez o lançamento de “La Outra Campanha”, um conjunto de iniciativas para colocar em prática as propostas da Sexta Declaração da Selva Lacandona. O EZLN pedia a adesão de cidadãos e organizações sociais que concordassem com o teor do documento. O subcomandante Marcus foi o primeiro a subscrever sua adesão e passou a ser chamado de “delegado Zero”. Em escala mundial foi lançada a Sexta Internacional (www.zetztainternacional.org) que reúne as adesões de várias partes do mundo. (Ortiz, 2006,15). Esse tipo de estratégia organizacional é destacada por Scherer-Warren:

Na sociedade das redes (para usar uma terminologia de Manuel astells), o associativismo localizado (ONGs comunitárias e associações locais) ou setorizado (ONGs feministas, ecologistas, étnicas, e outras) ou, ainda, os movimentos sociais de base locais (de moradores, sem teto, sem terra, etc.) percebem cada vez mais a necessidade de se articularem com outros grupos com a mesma identidade social ou política, a fim de ganhar visibilidade, produzir impacto na esfera pública e obter conquistas para a cidadania. (SCHERER-WARREN, 2006: p113)

No entanto, Marcos admitiu, em entrevista à jornalista Laura Castellanos (Revista Gatopardo – No. 86 dezembro 2007- janeiro 2008) que a Outra Campanha não está alcançando os efeitos desejados. Para ele, o movimento “saiu de moda” e não está conseguindo mais angariar tantos apoios.

O EZLN procura manter, além do site da Sexta Internacional, um endereço oficial na internet (www.ezln.org), que contém vídeos, áudios de encontros, notícias sobre comunidades, violações dos direitos humanos e andamento de processos de presos zapatistas, e até mesmo um espaço para a comercialização de produtos com o intuito de arrear fundos para os Caracoles. Existem, ainda, sítios específicos dos encontros realizados, da rádio (www.radioinsurgente.org), para divulgação dos comunicados zapatistas (palabra.ezln.org.mx/), da revista Rebeldia (www.revistarebeldia.org/) e da revista Chiapas (www.ezln.org/revistachiapas/).

Contudo, os três últimos estão desatualizados. A revista Rebeldia só está disponível até o exemplar de outubro de 2006, o site da Revista Chiapas teve a sua



última atualização no dia 19 de setembro de 2005 e o documento mais recente do site dedicado à palavra zapatista tem a data de novembro de 2003. Os demais sites, apesar de atualizados, apresentam uma certa desorganização.

Portanto, concluímos que, ao longo desses 14 anos de mobilização social, o EZLN tem se preocupado em utilizar uma combinação do uso das redes eletrônicas com a promoção de encontros, debates, publicação de livros, passeatas, mobilizações e emissões radiofônicas, que resultam na formação de uma rede descentralizada de trabalho voluntário ativista. Contudo, nos parece que o setor de comunicação ressentese, ainda, de um gerenciamento mais consciente das possibilidades tecnológicas dos novos meios digitais, o que, talvez, acabe contribuindo para esta atual desarticulação que o próprio subcomandante Marcos percebe no movimento e, daí, para uma inserção estratégica frágil.

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de. **A Guerra é o Espetáculo: Origens e Transformações da Estratégia do EZLN**: Dissertação de Mestrado, Unicamp, 2003.

HELD, David. **Os prós e contras da globalização**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

KLEIN, Naomi. **Cercas e Janelas: na linha de frente do debate sobre globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LE BOT, Ivon. **O sonho zapatista**, Lisboa: Edições ASA, 1997.

LE BOT, Yvon. **La guerra en tierras mayas**. Fondo de Cultura Económica, México D.F, 1995.

MONTEMAYOR, Carlos. **Chiapas: La rebelión indígena de México**. Ed. Joaquin Mortiz, México, DF, 1997.

MORAES, Dênis de. **Comunicação virtual e cidadania: Movimentos sociais e políticos na Internet**, In: Revista Brasileira de Comunicação, Vol. XXIII, nº 2, 2000.

ORTIZ, Pedro. **Zapatistas – A velocidade do sonho**. Brasília : Entrelivros: Thesaurus, 2006.

ORTIZ, Pedro. **Zapatistas on-line**: Tese de Mestrado, Escola de Comunicação e artes, USP, 1997.

PIMENTA, Francisco José Paoliello. **Hipermídia e ativismo global**, Sotese: Rio de Janeiro, 2006.

SADER, Emir. **Os porquês da desordem mundial**, Record: Rio de Janeiro, 2005.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**, Record: Rio de Janeiro, 2005.



SCHERER-WARREN, Ilse. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais**. In: Sociedade e Estado, Brasília, v. 21, n.1, p. 109-130, 2006.